

A CONSTRUÇÃO DE UM MITO ESCRAVO⁸⁸: NAT TURNER



Nat Turner prepara o assalto

Outro tema enfocado por Lerone Bennett Jr. é o das revoltas dos escravos, que atribui a um tipo especial de negro, diferente daquele que servia na casa grande e do que trabalhava nas plantações de algodão ou cana-de-açúcar. O texto a seguir, intitulado *Sem esconderijo - o sermão sangrento de Nat Turner* está em *Grande Momentos da História Negra*, livro de Lerone Bennett Jr., edição de 1992, por Johnson Publishing Company, Inc., 1992.

Era domingo, e havia um ar de torpor e sonolência entorpecendo brandamente Southampton. Sempre fora assim, nos domingos, fins de agosto, no condado de

⁸⁸ www.amazon.com/exec/obidos/tg/detail/-/0874850789/qid=1079317392/sr=1-1/ref=sr_1_1/103-2421008-7628635?v=glance&s=books

Southampton, situado no canto sudoeste, pouco adiante da fronteira com a Carolina do Norte. A maioria de seus 6.461 brancos e 6.625 escravos que viviam no condado se encontrava ociosa neste domingo. A colheita já ocorrera, e havia pouco ou nenhum movimento nos campos de algodão e milho. Os escravos que haviam feito a maioria do trabalho se encontravam fora da vista e longe das preocupações. Os brancos, proprietários das terras e dos escravos, sentavam-se nos avarandados ou sob a sombra das árvores, saboreando o famoso uísque de maçã de Southampton, e conversavam sobre o acampamento próximo ao condado de Gates, Carolina do Norte, e a grande caçada à raposa, marcada para segunda-feira.

Nessas circunstâncias, pouco surpreenderia o fato de ninguém haver percebido a magnitude do desastre que se avizinhava. Joseph Travis, um escravocrata azarado que estava a um passo de uma morte horrível, mantinha a rotina de seus domingos de sempre. Foi à igreja, pela manhã, e visitou amigos à tarde, antes de retornar para casa, próxima ao distrito de Cross Keys. Vários quilômetros para noroeste, Catherine Whitehead, proeminente na sociedade, descansava em sua casa confortável, rodeada por filhos e netos queridos, além de um grande número de escravos. Rebecca Vaughan, outra matrona próspera e dona de escravos, brincava com sua sobrinha, Ann Eliza Vaughan, considerada “a mais bela do condado”. A senhora Vaughan havia prometido alegrar os caçadores de raposa, na segunda-feira, assim que as duas mulheres preocupavam-se com os inúmeros detalhes de uma ocasião como aquela.

Assim ocorreu de casa em casa, no condado de Southampton, no domingo, 21 de agosto de 1831. Se os Traveses e os Whiteheads e os Vaughans pudessem haver lido a mente de um certo escravo desse condado, sem dúvida, teriam organizado a rotina de seu dia diferentemente. Mas nada na face ou no comportamento desse escravo traía o que escondia em seu coração. O escravo chamava-se Nat Turner. Do alcance, da dimensão total do pesadelo que se abateria sobre Southampton, deve-se ter uma imagem.

Seria dito mais tarde que Nat Turner “provocou um impacto sobre a gente dessa região tão grande quanto fizera John C. Calhoun ou Jefferson Davis⁸⁹”. Mas em Southampton, agosto de 1831, ele era apenas um escravo a mais, e mesmo um escravo inexpressivo até então. De acordo com uma proclamação oficial emitida mais tarde, Turner estava “entre trinta e trinta e cinco anos de idade, tinha a altura em torno a um metro e setenta centímetros, pesando entre 68 e 72 quilos, com compleição clara, mas não de mulato – com ombros largos, nariz amplo e chato, grandes olhos, pés grandes e chatos e um tanto genuvalgo, movimentava-se rápido, expedito; cabelo no topo da cabeça bem fino, sem barba, exceto sobre o lábio superior, e sob o queixo; uma cicatriz na têmpora e outra na parte posterior do pescoço; um grande calombo num dos ossos de seu braço direito, próximo do pulso produzido por um golpe⁹⁰”.

A descrição era bastante acurada, mas, como a maioria das descrições oficiais omitia dados relevantes. Não havia menção ao porte e jeito de agir do homem. Nem havia, por incrível que pareça, menção a seus olhos. Todos que conheceram Nat e que depois se recordavam dele, mesmo através de uma névoa de sangue, referiam-se a seus olhos. Os olhos, diziam, eram os olhos de um santo, de um revolucionário ou de um lunático. Eram olhos de fim único. Eles eram os olhos de um homem que havia enxergado outros mundos. Um branco hostil, que o viu mais tarde, disse que ele correspondia “exatamente à descrição anexada à proclamação do governador, exceto que ele era de matiz mais escuro, e seus olhos, embora grandes, não eram proeminentes – eram muito longos, profundamente incrustados em sua cabeça e tinham, mais propriamente, uma expressão sinistra”.

⁸⁹ - **John C. Calhoun** (1782-1850). Líder político, campeão na luta pelos direitos dos estados e símbolo do chamado Velho Sul. - **Jefferson Davis** (1808-1889) Soldado norte-americano e presidente dos Estados Confederados (1861-1865). Foi capturado pelos soldados da União em 1865 e aprisionado por dois anos. Mesmo tendo sido condenado por traição (1866), jamais processado.

⁹⁰ - NOTA DO AUTOR: Esta reconstituição da insurreição de Nat Turner é baseada em *The Confessions of Nat Turner (As confissões de Nat Turner)* editadas por Thomas R. Gray, notícias e registros da época. Pode ser consultado ainda, *The Southampton Slave Revolt of 1831: A Compilation of Source Material*, de Henry Irving Tragle; *Slave Insurrections In Virginia (1830-1865)* de William Sidney Drewry; *Nat Turner's Slave Rebellion*, de Herbert Aptheker; *The Negro in Rebellion*, de Williams Wells Brown; *Travellers and Outlaws*, de Thomas Wentworth Higginson.

Adiante, quando sangue e terror ficaram em seu rasto, Nat Turner disse acreditar que, desde seu nascimento, estava destinado a um grande evento. Nasceu, em 2 de outubro de 1800, em Southampton, filho de dois africanos escravos. Estava na casa dos trinta quando lhe irrompeu a consciência de culpa, quanto ao mal que representava a escravidão no Sul. Sua mãe, contavam, era uma mulher determinada que não queria trazer ao mundo ainda outro escravo. Segundo o historiador William Sidney Drewryela, estava “tão brava com o nascimento daquele filho que tivera de ser amarrada para evitar que matasse seu rebento”.

Nat Turner sobreviveu, sua mãe abrandou; aquele, a mãe e o pai embarcaram na conspiração, contra a realidade existente do outro lado da escravidão. O jovem Nat tinha, em suas próprias palavras, “uma mente indócil, inquisitiva e observadora”, e que era capaz, acrescentou uma testemunha branca, de entender tudo, “parece haver aprendido a ler e escrever praticamente da noite para o dia; e foi sempre uma pessoa assustadora, com suas profecias. Um exemplo típico dessa afirmativa ocorreu quando tinha três ou quatro anos. “Brincando com outras crianças...” disse Nat, “eu lhes contava coisas que minha mãe dizia haver ocorrido antes do meu nascimento. Minha história prosseguia oferecendo outros aspectos que, na opinião de minha mãe, vinham a confirmá-la; outras pessoas chamadas, mostraram-se perplexas, pois sabiam que esses fatos realmente haviam ocorrido, fazendo-os dizer que eu iria ser um profeta, pois o Senhor havia me mostrado coisas que aconteceram antes do meu nascimento. Meus pais me apoiaram, dizendo na minha presença que eu havia sido predestinado para algum grande propósito... Minha avó, que era muito religiosa, e a quem me ligava especialmente – meu amo, que pertencia à igreja, e outras pessoas religiosas que visitavam a casa, e a quem eu via comumente nas rezas, observando a singularidade de meu agir, eu suponho, e minha inteligência incomum para uma criança, assinalaram que eu tinha muita percepção para ser suscitada, e se assim ocorresse, eu não seria de qualquer utilidade, sendo um escravo...”

Os detalhes da infância desse notável escravo são incompletos, mas alguns lampejos obtêm-se em *Confissões* e outras fontes que são muito instrutivas. Nat dá a impressão, por exemplo, haver experimentado uma vida dupla. Ele trabalhava nos campos, casou-se com uma graciosa escrava e seguiu as rotinas da senzala. Mas também manteve

uma vida secreta, jejuando e rezando e “fazendo experimentos de fundição, usando vários moldes de barro, na tentativa de produzir papel, pólvora e muitos outros ensaios...”

Em torno aos anos 1820, Nat se constituía num tipo de celebridade em Southampton, e ele explorava sua reputação de forma inteligente e perspicaz “pela austeridade de sua vida e maneira, que se tornaram objeto de nota, tanto por brancos quanto por negros”. Como todos os grandes líderes, e talvez como os grandes profetas, Nat tinha algo de ator. Tendo descoberto que “para ser grande é necessário mostrar-se como tal”, ele evitava o convívio social e envolvia-se numa áurea de mistério. Diziam-se adiante, com toda a seriedade, que ninguém jamais o havia visto sorrindo. Thomas R. Gray, advogado de Southampton que registrou e publicou *Confissões*, disse “é notório que ele jamais possuiu um dólar sequer em toda sua vida, nunca prestou juramento ou bebeu uma gota de álcool”.

Era talvez inevitável que um escravo estranho e brilhante se voltasse para a religião, que era, numa maneira de dizer, a única forma de escravo fazer política. Em verdade, não existe capítulo mais assinalado na história da escravatura do que a história de como Nat Turner pegou a arma do cristianismo e voltou sua lâmina afiada contra os escravocratas cristãos. Ninguém sabe como ou quando ele sentiu-se chamado para o ministério. Ele simplesmente materializou-se certo dia como um pregador do Evangelho – um pregador que reivindicava ter inspiração divina. Ele diz-nos em *Confissões* que Deus apareceu-lhe em visões e falou-lhe, revelando “o conhecimento dos elementos, o movimento dos planetas, o funcionamento das marés e a troca das estações”. Um dia, enquanto arando rezava, o Espírito falou-lhe dizendo: “Busqueis o reino dos céus e tudo mais te será acrescido⁹¹”. Isto o perturbou imensamente e por dois anos rezou continuamente “sempre que o trabalho permitisse, e então novamente eu tive a mesma revelação, confirmando por inteiro a impressão que tinha de haver sido escolhido para um grande propósito do Todo Poderoso”.

A partir de então, Nat iniciou “a dirigir a atenção para esse grande objetivo – atender ao propósito para o qual tenho certeza estava destinado”. Nesse período ele havia

⁹¹ - Referência a Mateus 6:33.

conseguido considerável influência sobre o pensamento de seus companheiros de escravidão, que acreditavam ser ele um profeta e que sua sabedoria viera de Deus. Não há dúvida, aí ele começou a preparar os escravos, dizendo-lhes que “algo estava para acontecer que culminariam com o cumprimento das promessas que me haviam sido feitas”.

Não somente escravos, mas negros e brancos livres ouviram e prestaram atenção à mensagem de Turner. Chegou a converter pelo menos um branco, Etheldred T. Brantley, que fora, segundo Drewry, “um feitor decente”. Nat disse que sua mensagem tivera “um efeito maravilhoso” sobre Brantley e que “ele parou com sua perversão, e foi atacado imediatamente por uma irrupção cutânea, e o sangue escorreu dos poros de sua pele, e após rezar e jejuar por nove dias ficou curado, e o Espírito apareceu-me novamente e disse que, tendo o Salvador sido batizado também nós deveríamos fazer o mesmo – e quando os brancos impediam que fossemos batizados em sua igreja, íamos juntos até o rio, à vista dos muitos que nos insultavam, e éramos batizados pelo Espírito...”

Há indícios nos registros de que Nat anteviu onde tudo iria terminar. Ele acreditava, aparentemente, que era uma espécie de Cristo, e tinha a premonição de que o caminho que seguia chegaria a algum tipo de encruzilhada. É, assim, interessante notar que o caminho de seu julgamento estava marcado por curiosos momentos de indecisão nos quais lutaria contra o destino que o chamava. Numa ocasião, ele nos diz que fugiu, “e após haver ficado na mata por trinta dias retornei para a fazenda, para espanto dos negros que pensavam que eu havia escapado para alguma outra parte do país, como meu pai fizera antes. Mas a razão para minha volta foi que o Espírito apareceu e disse que eu tinha meus desejos direcionados para as coisas deste mundo, e não para as coisas do reino de Deus, e que eu deveria retornar para servir a meu amo na terra – ⁹²pois aquele que sabe da vontade de seu amo e não a atende deve ser açoitado com mil tiras, e assim eu o puni”. (Um branco bem informado disse mais tarde que em torno a 1828 “Nat foi açoitado por seu amo, por declarar que os negros deveriam ser livres, o que iria ocorrer mais dia menos dia.” Esta é uma passagem muito importante. Nela, Nat faz uma brilhante distinção entre liberdade pessoal e aquela de todos os oprimidos, ou seja, uma fuga individual para o Norte e a luta pela

⁹² - Referência a Lucas 12:47 .

libertação coletiva de seu povo. Então, jogando com suas palavras, faz uma distinção firme e final entre seu “amo na terra” e o Senhor.

Embora tudo isto – e adentrando os trinta – a mente de Nat Turner era assaltada e oprimida por visões e vozes. Ele viu “espíritos brancos e negros numa batalha, e o sol se ensombrava – trovão ribombava nos céus e o sangue corria em torrentes...” “Sangue – havia sangue em toda parte. Enquanto trabalhava na lavoura e encontrou “gotas de sangue no milharal como se fosse orvalho do céu”. Caminhando nas matas, descobriu nas folhas “caracteres hieróglifos e números com os contornos de homens em poses diferentes, pintadas com sangue...”

Sangue, sangue nas folhas, sangue no milharal – o que significava todo esse sangue?

O significado, segundo a mensagem que Nat afirmava haver recebido do Espírito Santo, era: “o grande dia do julgamento final está próximo” e “rapidamente se aproximava o tempo quando os primeiros serão os últimos e os últimos os serão os primeiros”. A 12 de maio de 1828, o Espírito Santo apareceu e disse-lhe que, “a Serpente estava solta” e ao surgimento do símbolo, iria erguer-se e matar seus inimigos com suas próprias armas”.

O símbolo – o eclipse solar de 12 de fevereiro de 1831 – removeu o lacre dos lábios de Nat – e ele selecionou quatro discípulos: Henry Porter, Hark Travis, Sam Francis e Néelson Williams – e a data, 4 de julho de 1831. Porém, Nat adoeceu no último momento e Southampton comemorou o Dia da Independência sem qualquer incidente. Então, no sábado 13 de agosto, mostrou-se outro símbolo. Nesse dia, uma mancha esverdeada aureolava o sol e uma grande mancha negra passou por sobre sua superfície. Não podia restar dúvida sobre aquele portento, assim que Nat convocou um conselho de guerra para aquele domingo, vinte e um de agosto, dizendo a seus discípulos que “como a mancha negra havia passado sobre o sol, assim deviam os negros passar sobre a terra”.

Entre o sábado, treze de agosto, ao domingo, vinte e um desse mês, Nat trabalhou dissimuladamente. Nós não sabemos, e jamais iremos saber os detalhes de suas andanças, mas há indícios fortes nos registros. Houve, por exemplo, os distúrbios na igreja Barnes no domingo seguinte ao surgimento do símbolo. A natureza da perturbação não é clara, mas John Hampden Pleasants, um editor de Richmond que mais tarde serviu com a

milícia em Southampton, disse num despacho de vinte e cinco de agosto que “os negros... aparentavam estar desordenados, ofendendo-se por qualquer coisa (não se sabe o quê)”. Há outra referência ao mesmo incidente na dissertação de doutorado de William Sidney Drewry, que entrevistou os sobreviventes da insurreição de Southampton, sessenta anos depois. “Os brancos,” escreveu, “executavam um serviço religioso de revivificação na igreja Barnes no dia quatorze de agosto, e muitos negros que estavam presentes tiveram o privilégio de orar junto com os brancos e da mesma forma participar do culto dirigido pelos pastores de sua própria cor. Nat predicou nesse dia e parece haver conseguido muitos simpatizantes, que expressaram seu empenho em cooperar, colocando em torno ao pescoço um lenço vermelho, o que de muitas formas evidenciava seu espírito rebelde”.

O que exatamente fizeram os escravos rebeldes? Drewry disse: “eles tentaram esmagar os brancos”.

Após o incidente na igreja de Barnes, Nat recolheu-se às sombras. Há indícios de que ele ou seus discípulos fizeram propostas discretas para alguns escravos. De qualquer forma, uma lista de vinte nomes foi encontrada mais tarde em meio a seus documentos, onde estavam outros itens de interesse, inclusive um mapa do condado de Southampton, desenhado com suco de caruru, e documentos preenchidos com caracteres hieróglifos. Um branco desse condado, que examinou os documentos após a insurreição, disse que “os caracteres nos documentos mais antigos, aparentemente parece haverem sido escritos com sangue, e em cada papel são distintamente visíveis uma cruz e um sol, e números, 6.000, 30.000, 80.000 e...” De onde essas estimativas de forças? Não sabemos, mas deve-se atentar para os números da população branca em Southampton, naquela época, 1830, de aproximadamente seis mil almas.

Uma coisa era planejar uma insurreição, outra muito diferente era prevenir inconfidência. Sabedor de alguma forma detalhes de prévias insurreições escravas, Nat disse a seus discípulos que o maior perigo era soltar a língua. Mas alguns dos iniciados não podiam resistir à tentação de deixar escapar pequenos detalhes. Na quinta-feira, antes do levante, Néelson alertou a um *feitor* branco que “eles [os brancos] deveriam manter-se alertas, protegendo-se, pois algo poderia ocorrer não muito além, e que os envolvidos não podiam falar dessas coisas”.

Durante esse mesmo período crítico, houve aparentemente um grande número de recrutamentos não autorizados. No sábado, um escravo chamado Isham, que não era um dos quatro apóstolos iniciais, disse a um escravo chamado Henry, de acordo com um testemunho posterior à corte, “que o general Nat iria se sublevar e assassinar todos os brancos, e que a testemunha [Henry] deveria juntar-se a eles ou, em caso contrário, o iriam matar se o apanhassem”. Muito interessante! Henry não passou essa informação a seu patrão, senão que após o evento. Assim, o domingo, vinte e um de agosto, chegou. Antes do meio dia, os discípulos de Turner esgueiraram-se de suas senzalas para chegar às margens de Cabin Pond, uma área de mata densa próxima à casa de Joseph Travis, que se havia casado com a viúva do último amo de Turner, e que herdara, Nat, e a morte.

A reunião dos discípulos era enganosamente festiva. Hark trouxe um porco, que foi assado e ingerido com destilados. Havia seis homens no banquete, inclusive dois novatos, Jack e Will. Este era, de acordo com relatos de William Wells Brown, um escravo amargurado que “desprezava a idéia de usar o nome de seu amo”. Sua mulher, Brown disse, sem citar a fonte, fora vendida para o traficante de negros, e levada embora para sempre”. As costas de Will, Brown disse, “estavam cobertas de cicatrizes, dos ombros até seus pés, e uma grande cicatriz que corria do olho direito até o queixo, mostrando que ele vivera com um amo cruel”. Com cerca de um metro e oitenta de altura, forte e bem-apeesoado, Will iria em breve vingar sua provação, brandindo seu machado com golpes imparciais.

Will era um individualista; muito diferente era Hark, um homem bonito e destemido identificado em alguns relatos da época como general Moore, e segundo em comando após Turner. Hark era, como Nat, escravo de Joseph Travis. Um branco da localidade que o viu mais tarde disse que era “o homem mais bem-posto que havia visto – um Apolo negro”.

Esses os homens que festejaram e conspiraram às margens de Cabin Pond, enquanto Southampton repousava ao sol de fins de agosto. Nat, que conheceu o valor de uma retardada e dramática entrada em cena, não se juntou ao grupo até três horas da tarde. E a primeira coisa que notou foi a presença dos dois novatos.

“Eu os saudei ao chegar”, disse Nat Turner, “e indaguei a Will como ele estava ali, e ele respondeu que sua vida valia não mais do que a dos demais, e sua liberdade era por

ele ansiada. Eu indaguei-lhe se pensara em consegui-la. Ele disse que a conseguiria ou daria sua vida. Isto foi o bastante para que eu confiasse plenamente nele”.

Nat era um homem de poucas palavras, e não perdeu tempo com Jack Reese, o outro novato. Ele conhecia Jack; sabia que ele era um fraco; sabia que Jack era “apenas um tolo nas mãos de Hark, que era casado com a irmã de Jack. Assim, sem maiores discussões, enfrentou o primeiro item da agenda – insurreição, fazendo-o de forma curiosa, separando os homens um por um, e dando instruções individuais para cada qual. Tendo avaliado cada homem, Nat voltou para o grupo, abrindo um conselho geral de guerra. Jack imediatamente levantou objeções, dizendo que a idéia era impraticável e condenada ao fracasso. Nat tranquilamente deu garantias a Jack e ao grupo da “praticabilidade” de seu projeto “dizendo que o número dos participantes aumentaria à medida que prosseguissem; e acrescentou que a razão para ainda não lhes haver dito é que os negros tentaram antes coisa semelhante, informando de seus propósitos para muita gente, e que a conspiração sempre acabava vazando; mas sua decisão era de que sua marcha de destruição e morte deveria ser a primeira notícia da insurreição”.

A posição de Turner acabou com as dúvidas que seus seguidores poderiam ter. Assim, foi “rapidamente acertado”, Nat disse, “que deveremos começar em casa [na casa de Joseph Travis] nesta noite; e até que consigamos armas e equipamentos e tenhamos reunido força suficiente, nem idade ou sexo devem ser motivo para perdão”. Nat disse aos homens que “a matança indiscriminada não estava em seus objetivos” e deveriam, “ em primeiro lugar, infligir terror e pânico”. “Depois de conseguida uma base de operações”, acrescentou, “mulheres e crianças deveriam ser poupadas, bem como homens que deixassem de resistir”.

Após sair de Cabin Pond, de acordo com William Wells Brown, Nat discursou para seus discípulos. As palavras registradas por Brown foram aparentemente escritas após o evento, mas não fogem dos fatos, como nós os conhecemos hoje, e nos dão um eloqüente, talvez um pouco fantasioso, retrato do general Nat, da forma como se portou à beira da imortalidade.

“Amigos e irmãos!”– Nat teria dito – “estamos iniciando esta noite uma grande jornada. Nossa raça está na iminência de livrar-se da escravidão, e Deus nomeou-nos para

dar cumprimento a essa missão; assim que, sejamos merecedores desse desígnio. Tenho ordem de matar todo o branco que venhamos a encontrar, sem considerações de idade e sexo. Nós não temos armas ou munição, mas vamos encontrá-las na casa de nossos opressores; e, na medida em que avançemos, outros haverão de se juntarem ao nosso grupo. Tenham em mente que nossa caminhada não é pelo prazer de sangue e carnagem, mas é necessário que no início desta revolução, todos os brancos que encontremos devam morrer, até que tenhamos um exército forte o bastante para dar andamento ao movimento em bases cristãs. Lembrem-se que nossa guerra não visa o saque ou à satisfação de nossas paixões; é a luta pela liberdade. Devemos agir e não fanfarronar. Então, sigamos para o palco das ações.

Era cerca de uma hora da madrugada. Southampton repousava silente na escuridão enquanto Nat Turner e sua tropa de seis homens rastejavam em meio à mata em direção à casa de Joseph Travis. No jardim da casa, o pequeno grupo deparou-se com o escravo Austin, que imediatamente aderiu, tornando-se o sétimo soldado do exército de Nat. Todos os homens, com exceção de Nat, foram até a prensa de cidra, e beberam vinho de maçã. Nat, que era abstêmio, e não estava nervoso, aguardou que eles retornassem. Quando voltaram, apontou na direção da casa, e silenciosamente todos para lá se encaminharam. Havia uma escada convenientemente postada contra a chaminé. Nat escalou-a, entrou na casa pela janela do sobrado, desceu pelo interior e abriu a porta da frente. Rápida e silenciosamente, os homens se dirigiram para o quarto do casal Joseph Travis. Então, à beira da ação, houve um ataque de hesitação de última hora. Os homens, sussurrando, disseram a Nat que, sendo a insurreição projeto seu, ele deveria ser o primeiro a fazer o sangue jorrar. Nat concordou, com a cabeça, e adentrou ao quarto, empunhando uma velha machadinha, acompanhado de Will. Sem um instante e hesitação, desferiu um golpe que supunha mortal, na cabeça de Joseph Travis. Mas estava escuro no quarto, e o golpe que não fora bem dirigido, não atingiu a cabeça de Travis, que deu um pulo, assustado, e chamou pela esposa. Foi a última coisa que fez. Will com o seu machado golpeou-o, abrindo a cabeça de Travis e, praticamente no mesmo golpe, quase decapitou Sallie Travis. Dois adolescentes, Putnam Moore e Joel Westbrooks, dormiam em quartos no

andar de cima. Moore era filho de Thomas Moore, sendo assim proprietário de Nat. Esse parentesco custou-lhe muito caro. Um golpe, diz uma narrativa da época, “parece ter sido suficiente para [tanto Moore quanto Westbrooks], que dormiam tão próximos, atingia cada um dos pescoços”. Uma criança dormindo num berço foi ignorada. Mas quando o grupo deixou a casa, Nat lembrou-se e invocou a regra terrível de que nem idade nem sexo deveria ser motivo para salvação. Henry e Will retornaram e assassinaram a criança.

Os rebeldes se apropriaram na casa de Travis, de quatro pistolas, alguns mosquetões e uma libra ou duas de pólvora. Dirigiram-se a seguir para o celeiro, onde Nat organizou seu grupo em fileira, tentando impor algo de disciplina militar. “Alinhei-os em fileiras como soldados, e após levá-los a exercícios que eu conhecia, comandei-os na direção” da casa de Salathiel Francis, situada cerca de quinhentos e cinquenta metros adiante.

Francis, solteiro, vivia sozinho. Sam e Will, que eram escravos de Nathaniel, irmão de Francis, dirigiram-se à porta da frente e bateram.

“Quem está aí?” Perguntou Francis.

Sam identificou-se e disse que tinha uma carta de Nathaniel Francis. Quando Salathiel abriu a porta, Sam e Will arrastaram-no para o jardim, matando-o com repetidos golpes na cabeça.

Movendo-se rapidamente e mantendo, segundo disse Nat, “o mais perfeito silêncio”, os revoltosos se dirigiram à casa de Piety Reese, um quilômetro e meio na direção sudeste. A porta da frente não estava trancada. O senhor Reese e seu filho William dormiam em seus quartos, e nunca ficaram sabendo o que os atingiu. Após partir da casa dos Reese, Nat e seu exército endereçaram-se para noroeste e marcharam por alguns quilômetros antes de alcançarem, no alvorecer, a casa de Elizabeth Turner. Henry, Austin e Sam dirigiram-se primeiro ao alambique, onde surpreenderam e mataram o feitor, Hartwell Peebles. O disparo de arma alarmou a família de Turner, que acorreu à porta da frente, que Will arrebentou com um golpe de seu machado. Os rebeldes rapidamente adentraram a casa e mataram Elizabeth Turner e Sarah Newsome, que se mantinham de pé, horrorizadas, no centro do dormitório.

Até aquele momento, “quase no alvorecer” de vinte e dois de agosto, o pequeno exército havia tornado a marcha de morte numa rotina. Destruição generalizada da propriedade e a busca por dinheiro e armas sempre se seguia aos assassinatos. Em praticamente cada parada, apoderavam-se de cavalos e ferramentas. Assim, na manhã de domingo, o grupo original composto de sete havia aumentado para quinze, inclusive nove homens com cavalos. Nat agora dividia sua tropa enviando os seis homens infantis para a casa de Henry Bryant, e a cavalaria, composta de nove homens, para casa de Catherine Whitehead.

À medida que o destacamento montado se aproximava de casa de Whitehead, ocorreu um pequeno incidente, daqueles que dizem muito a respeito da transitória natureza do poder. Richard, filho da senhora Whitehead, se encontrava numa alameda das que separam os canteiros na lavoura de algodão. Ele era um pastor metodista, e havia predicado um vibrante sermão no domingo, na igreja Barnes. Agora, no campo, supervisionava os escravos. Nat freou seu cavalo próximo da alameda e, segundo uma fonte, gritou “Dick”, e segundo todas as fontes, chamou para que o pastor viesse até ele. Cometia, assim, uma violação às normas da escravidão, pois os escravos jamais poderiam dar ordens aos brancos. Assim, no campo, os escravos observavam curiosos se o amo iria atender à ordem do escravo. Ele atendeu. Nat disse: “Will, o carrasco, se encontrava próximo, à mão, com seu machado fatal, pronto para mandá-lo prematuramente para a última morada.” A ação foi terrível. Mas o sistema para o qual fora uma resposta era ainda pior. É impossível avaliar a violência de Nat Turner se não levarmos em consideração o violento sistema para o qual aquilo era contestação.

“Enquanto nos encaminhávamos para a casa”, narrou Nat, “vi que alguém corria pelo jardim; marchei em sua direção, pensando tratar-se de pessoa da família branca, mas constatando que era uma menina doméstica, retornei e recomecei a matança. Mas aquele de quem me afastara não ficaram desocupados; toda a família já havia sido morta, menos a senhora Whitehead e sua filha Margareth. Quando cheguei próximo da casa vi Will arrastando a senhora para fora – ele praticamente separou sua cabeça do corpo, com o machado. A senhorita Margareth, quando a descobri, estava encurralada num canto. Com

minha aproximação ela escapou, mas foi em seguida alcançada, e depois de repetidos golpes com um facão, a matei com uma pancada na cabeça, usando um varão de cerca”.

Margaret (Peggy) Whitehead foi a única pessoa morta por Nat Turner. Seria dito mais tarde que o fato de haver matado apenas uma pessoa, e mesmo com grande dificuldade, mostra que ele não tinha coragem. Esta é uma visão curiosa, baseada em grave erro no exame das evidências. Em primeiro lugar, o general Nat, como o chamavam, era o comandante supremo da tropa de desforra, e generais raramente matam. Em segundo lugar, não se tratava de uma vingança pessoal. Praticamente todas as autoridades no assunto concordam que Nat não era por natureza vingativo; não buscava uma vingança pelos agravos que recebera, senão que uma compensação e liberdade. A campanha que liderava, assim, era de natureza política; e as mortes que ordenara, e pelas quais assumira total responsabilidade, eram políticas e deveriam ser julgadas numa escala diferente de valores. Isto não exclui os assassinatos, tampouco atenua o horror das vítimas. Simplesmente exprime o óbvio: Nat Turner metera-se numa aventura que era mais do que uma farra de criminosos ou um atentado infantil buscando provar virilidade. Deve ser também observado que as vítimas assim eram face à história e pelo efeito bumerangue de um sistema violento que apoiavam ou dele se beneficiavam. Não é verdade, como muitos comentaristas disseram, que Nat desencadeou uma onda de violência em Southampton. A violência já ali existia. Escravatura era violência, e as ações de Nat, ainda que lastimáveis, devem ser assim entendidas quanto às pessoas, onde respostas para essa violência devem ser avaliadas, histórica, sistêmica e politicamente. Há outro ponto que sustenta esse argumento, relacionando-se com o fato destacado de que nenhuma mulher foi insultada ou estuprada durante o dia e meio em que Nat comandou o condado de Southampton. Robert R. Howison, um historiador da Virgínia, que escreveu quinze anos após o evento, disse: “é digno de nota que durante toda a seqüência de ataques, nenhuma mulher foi estuprada. Considerando a desenfreada paixão dos negros, podemos entender tal comportamento supondo que os agentes se intimidaram pelo próprio sucesso de sua horrenda iniciativa”.

Se a pessoa não é racista, este fato pode ser explicado de muitas maneiras, como Thomas Wentworth Higginson indicou em seu ensaio para *Atlantic Monthly*. Ele escreveu: “Numa coisa eram mais humanitários do que os índios, ou do que os brancos lutando

contra os índios: não houve agressão gratuita além do golpe de morte em si; sem ultraje, sem mutilação; senão que em cada casa que entravam, o golpe incidia sobre homem, mulher e criança – ninguém que tivesse pele branca era poupado”.

Nesse sentido pode-se dizer de Nat Turner o que Harriet Beecher Stowe⁹³ disse de Dred⁹⁴, em seu rebelde personagem da ficção: “ A quem o Senhor disse-nos: ‘golpeia’, então nós golpearemos. Não iremos atormentá-los com flagelo e fogo, tampouco iremos macular suas mulheres como ele fizeram com as nossas. Mas iremos matá-los todos, e fazê-los sumir da face da terra⁹⁵”.

Seja o que outros tenham pensado sobre o assunto, Nat não tinha dúvidas sobre a integridade e justiça de sua estratégia: atacar com tamanha força que os defensores em potencial haveriam de se submeter, apavorados. Isto porque, limitados eram seus recursos e imenso o inimigo que teria de enfrentar. A estratégia alcançou o efeito que Nat buscava. Quando os primeiros corpos dilacerados foram encontrados, na manhã de segunda feira, um indescritível terror tomou conta de Southampton, e foi impossível, de início, organizar uma defesa efetiva. Face ao inimigo desconhecido e inesperado, homens, mulheres e crianças entraram em pânico. Alguns fugiram para a mata, escondendo-se sob a folhagem. Houve quem fugisse do condado e mesmo quem saísse do Estado.

À medida que a revolta ganhava força, grande número de brancos buscava refúgio nas igrejas e prédios públicos em Pate’s Hill, Cross Keyes e Branch’s Bridge. Os refugiados brancos, em sua maioria, mostravam-se histéricos. “A ocorrência de qualquer fato incomum, ainda que menor, era motivo para causar grande confusão. Um rebanho de ovelhas despontando ao longe fora tomado como rebeldes em marcha. Por isto, em seguida, mulheres e crianças escaparam para o pântano. Ali ficaram por duas noites, abrigadas sob a folhagem e mantendo-se com o pouco que conseguiram levar consigo” –

⁹³ - Autora de *“Uncle Tom’s Cabin ”* (A Cabana de Tio Tomás, romance conhecido no Brasil como *“A Cabana do Pai Tomas”*).

⁹⁴ - Dred Scott (1795?-1858) - Escravo americano que ajuizou processo por sua liberdade, após haver passado quatro anos com seu amo num território onde a escravidão havia sido banida, face ao Compromisso do Missouri. Seu processo gerou em 1857 uma decisão da Suprema Corte dos EUA

⁹⁵ - Citações da Bíblia, Êxodo - trechos relacionados com o cativo dos judeus no Egito..

escreveu Drewry. Na confusão generalizada que envolvia a evacuação, os escravos eram deixados à sua sorte. A reação de Drewry Bittle foi típica: quando ouviu os informes sobre a rebelião, correu a casa e “levou sua família, deixando seus negros, instruídos de que por nada deveriam abandonar a casa, apenas se fosse preciso fugir dos negros”.

Visto hoje em dia, parece fantástico o que pensaram alguns: “os ingleses haviam invadido a América e estavam matando tudo que se movia”. Quando, enfim, ficaram sabendo que a invasão vinha das senzalas, muitos brancos negaram juntar-se à milícia, dizendo que seria de maior utilidade ficar em casa, protegendo suas mulheres e crianças.

Nat avançava mais, e via suas fileiras engrossarem sempre mais, a cada parada que fazia. Na metade da manhã, tinha já uma força composta de vinte homens. No entardecer, comandava sessenta.

Jamais houvera um exército como aquele. Havia escravos de todos os tamanhos, tipos e matizes, vestidos, muitos deles, com roupas e adereços apropriados a seus amos, e brandiam mosquetes, espingardas, cacetes e machados. Ali estavam negros livres, orgulhosos e desafiadores, lutando lado a lado com seus irmãos escravos. Também, adolescentes e meninos que “montavam cavalos, na retaguarda de cada companhia”. Alguns desses soldados, se acreditarmos em W. S. Drewry, “ostentavam plumagens em seus chapéus e vestiam longas bandas na cintura e sobre os ombros”.

Os tenentes-chefes desse exército chamavam-se Hark, Néelson, Will e Henry. Hark foi identificado em relatos contemporâneos como “capitão Moore” e “general Moore”. Néelson que se proclamava profeta, foi identificado num relatório como “o afamado [general] Néelson”. O general Henry era o “pagador” do exército. Por último, quatro negros livres tiveram participação na revolta: o artista Will era identificado como um líder. O artista, diziam, “era distinto dentre os insurgentes; quando recrutado, chorou como uma criança, mas tendo sofrido o batismo de sangue, portou-se desde então como um lobo em meio a um rebanho de ovelhas”.

Por razões óbvias, faltam informações biográficas a respeito dos soldados. Mas é certo, eles se relacionavam há anos. Três dos insurgentes – Nat, Hark e um jovem chamado Moses – serviam na fazenda de Travis. Outros seis, Sam, Will, Dred, Nathan, Tom e Davy, eram escravos na fazenda de Nathaniel Francis, que parece haver sido o ninho do

movimento revolucionário. Alguns desses homens, como Hark e Jack, eram cunhados; outros, como Nathan e Ben, eram irmãos. Não havia mulheres dentre as tropas de choque, mas essas se encontravam dentre os maiores entusiastas da insurreição. Charlotte, uma das escravas revoltosas de Francis, atacou e capturou sua ama. O mesmo fez Lucy, uma escrava com vinte anos, servindo na fazenda de Barrow, que se ligava romanticamente a Moses, um dos melhores soldados de Turner. O exército também incluía o jovem e o coxo. No julgamento de Nathan, Tom e Davy, a corte concluiu que “o mais velho não tinha mais do que quinze anos, e que os outros dois eram muito jovens; o mais velho pouco crescido”. Uns dentre os jovens eram descritos como montados a cavalo durante os ataques, e alguns deles disseram quando em julgamento que eram obrigados a acompanhar Nat e “que eles participaram com má vontade”. Essa era uma forma de defesa muito comum nos julgamentos – mas, por certo, jovens e adultos que se valeram dela, foram fiéis a Nat até que “toda a tropa houvesse sido dispersa”.

Havia algo que inspirava terror na forma como esses homens e meninos cavalgavam: sua aparência e seus gritos aterradores.

O relato de um morador dizia: “O andar dos negros servia para adicionar ainda mais terror, pois nunca cavalgavam senão que à máxima velocidade; e à medida que os cavalos ficavam fatigados, trocavam por outros descansados”. Dizia a mais esse informe: “o fato de estarem montados, e sua forma incomum de cavalgar, dava a impressão de ser o número de cavaleiros muito maior do que realmente era”.

Nat, o comandante incontestado do exército, cavalgou nos melhores cavalos que o dinheiro dos escravocratas podia comprar, e portava uma espada, com empunhadura em marfim e rubis, a bainha em prata. Durante os estágios posteriores da campanha, Nat dedicou-se por inteiro ao comando, enviando um destacamento para uma casa, um segundo grupo para outra residência, e ao fim inspecionando, pela retaguarda, se o “exercício da morte” havia sido praticado. Os regimentos tinham um ponto de encontro comum, quando retornavam dos ataques, e Nat descreve que ao alcançar um desses pontos encontrou “a maioria montada, e pronta para o ataque [e] os homens agora somando cerca de quarenta, deram vivas e gritos à medida que me aproximei”.

Nesse momento, havia que apressar o movimento. “Assumi meu posto na retaguarda, e como meu objetivo era espalhar o terror e a devastação por onde passássemos, destaquei quinze ou vinte dos homens mais bem equipados e de maior confiança, capazes de chegar às casas tão rápido quanto permitiam seus cavalos.” Disse Nat, que acrescentou, “Isto tinha dois propósitos: impedir que fugissem e disseminar terror entre as pessoas. Agindo dessa forma, nunca cheguei às casas, depois da primeira investida, que foi contra a família Whitehead, antes das mortes ocorrerem. Algumas vezes cheguei ao local em tempo de ver o morticínio terminado, contemplando os corpos que jaziam mutilados, em íntima satisfação, e imediatamente reiniciava a busca por mais mortes...” A procura abrangia vítimas de todo o tipo e era entremeada pelos rogos, gemidos e gritos dessas. Para alguns dos golpeados o projétil irrompia de forma tão súbita, inesperada, que eram anestesiados e como que jogados ao nada. Esses eram os felizardos. Outros viam a morte se aproximando, tinham tempo de conjecturar e senti-la antes mesmo que a bala ou o machado rasgasse suas carnes. Estamos hoje muito longe daquela horrenda segunda feira, mas é impossível ler relatos dessa carnificina sem estender às vítimas a compaixão humana que ela – e os seus ancestrais e descendentes – foram incapazes de estender às suas vítimas e aos seus assassinos.

Numa frase de evocação estranha, Nat chamou a isso de “o exercício da morte”. A tarefa se alongou por todo o dia. “Trajan Doyle, Henry Bryant, esposa, criança e sogra; o feitor de Nathaniel e duas crianças... senhora Caswell Worrell e criança... senhora Jacob Williams e três crianças:” todos morreram, assim como a bela jovem Ann Eliza Vaughan e sua tia Rebecca Vaughan, que havia preparado o farnel para os caçadores de raposa e que cometeu o erro fatal de pensar que o tropel dos cavalos e homens se aproximando fosse provocado pelos caçadores de raposa aproximando-se da casa, o que Rebecca esperava ansiosamente. Ela, seu filho Richard e a sobrinha Ann foram baleados. Um escravo da família narrou que, “quando a missão foi cumprida, foram convidados para comer, beber e relaxar”.

Apenas os brancos pobres, que não possuíam escravos, foram poupados. John Floyd mais tarde diria que os insurgentes “poupavam apenas uma família, mas esta era tão miserável quanto eles próprios”. A mesma colocação foi feita por um dos rebeldes, que

disse adiante ao confessar sua participação que o “capitão Nat, passando por uma casa onde viviam pessoas muito pobres, disse que não os iria matar porque eles não se consideravam melhores dos que os negros”.

Alguns brancos escaparam da ação de Nat, mantendo-se em esconderijos de suas casas. Lavinia Francis, esposa de Nathaniel Francis, sobreviveu por esconder-se no sótão. Uma menina não identificada de doze anos, escondeu-se numa lareira, lugar privilegiado de onde assistiu, com horror, o assassinato de diversas pessoas, inclusive sua irmã.

Mary T. Barrow, uma das beldades do condado e a filha da desafortunada Rebeca Vaughan, também escapou, mas não sem pagar seu preço. De acordo com o relato de Drewry, muito vaidosa, mesmo quando chegaram às primeiras informações sobre o levante dos escravos, tratou de enfeitar-se. Seu marido foi para a frente da casa e, mesmo ante a iminente chegada daqueles, manteve-se a postos, oferecendo-se para o sacrifício, lutando até que a mulher se arrumasse e fugisse para o mato. Passada a revolta, Mary viveu uma longa existência: casou-se com o Sr. Rose e, mais tarde, com um Sr. Moyler.

O destino favoreceu Mary Barrow; esse mesmo destino que condenou outros. Seu irmão George foi surpreendido e executado na estrada, enquanto se dirigia para a caçada à raposa. Edwin Drewry, um parente do historiador W. S. Drewry, também foi surpreendido e morto em meio a uma transação comercial. Drewry e um escravo chamado Stephen havia viajado para a fazenda Jacob Williams a fim de buscar um carregamento de milho. Eles se encontravam no meio do jardim tentando decidir “quem deveria ir para aferição do milho”, quando Drewry ouviu o tropel de cavalos, e gritou “meu Deus, quem vem lá?” Era a morte que se aproximava; disso se apercebendo, saiu em disparada, sendo, contudo, alcançado e assassinado.

Essa cena e outras de importância similar foram testemunhadas por amos e escravos. Devemos fazer uma pausa neste ponto para registrar que o efeito imediato de todo o ocorrido foi uma breve mas significativa revolução nas relações raciais em Southampton. Eis que, durante toda a segunda-feira e parte da terça, a maioria dos brancos abrandou seu tratamento para com os escravos. Nesse mesmo período de tempo, e pela mesma razão, viam-se sinais de que a maioria dos escravos, mesmo dentre aqueles que não haviam aderido à rebelião, sentiram-se de alguma forma engrandecidos pela audácia

de Nat Turner. O espetáculo de ver os brancos encurralados, em pânico generalizado; a visão de poderosos senhores pedindo, implorando por misericórdia; o som de negros dando ordens, comandando; tudo isto abalava, ainda que brevemente, o mito da invencibilidade do branco. Os escravos eram indivíduos, assim que respondiam, cada um a seu modo, às diferentes situações, de acordo com o temperamento e histórico de cada um. Alguns, os corajosos, os aventureiros e os profundamente injuriados, apoiavam Nat. Outros, os tímidos, os cautelosos, os bem-situados, apoiavam os amos. Quanto à maioria, esta se mostrou como sempre, em qualquer revolução: aguardou em cima do muro até que o vento indicasse o caminho a ser seguido. Nada de inusitado havia nesse procedimento. A mesma coisa ocorrera em todos os movimentos revolucionários, nos seus primeiros momentos. O que é surpreendente, todavia, e digno de nota, é que grandes setores dessa maioria oscilante balançou, por um breve período, na iminência de um engajamento radical. Na segunda-feira, vinte e dois de agosto, havia indícios disso em todos os cantos de Southampton. Um indício, refletido nos registros da corte e no testemunho ocular de contemporâneos, era a presença de um grande número de escravos, em Southampton e áreas vizinhas, a vangloriarem-se do que haveriam de fazer aos brancos “se o capitão Nat aparecer”. Outro sinal, de igual significância, era o relativamente grande número de escravos que se havia livrado da escravidão após a morte de seus amos.

Por todas essas razões, então, Southampton no dia da revolta era um local de areias movediças e de alianças. O caso de Lavinia Francis foi característico. Ela sobreviveu ao ataque, como se viu, ao esconder-se no sótão de sua casa. Quando saiu do esconderijo, surpreendeu-se ao deparar com servos supostamente leais dividindo seu vestido de casamento, e discutindo sobre a disposição de seus bens. No dia anterior, Lavinia poderia ter dispersado seus escravos com apenas um olhar ou uma palavra. Mas as coisas havia mudado em Southampton, e a dimensão mais assinalada nesse conflito foi o reconhecimento, quase imediato, pelos escravos e pela ama, de que a autoridade de Lavinia Francis, sua mística como ama, havia desaparecido. De forma significativa, a iniciativa foi tomada pela jovem escrava, de nome Charlotte, que verberou: “Eu pensei que você estivesse morta”, ao mesmo tempo em que desembainhando um punhal acrescentou: “Se você não está morta, vai morrer agora”. Uma escrava chamada Esther sustou o braço de

Charlotte, e disse que a Sra. Francis havia sido uma boa ama e que não merecia ser morta. Assim, pela segunda vez, Lavina Francis escapara da morte; havia, contudo, marcado sua presença no cerne da questão das relações inter-raciais, e a vida para ela nunca mais voltaria a ser a mesma.

Mais ou menos ao mesmo tempo, Jacob Williams surpreendeu-se ao ver, em pleno dia, seu escravo Nélon vestindo suas melhores roupas. William não havia ouvido nada a respeito da rebelião, mas algo em seu interior lhe avisou – ele declararia mais tarde – que o escravo aparentava querer atacá-lo. William tomou a decisão de, face à circunstância, fazer vista grossa ao fato de Nélon não estar naquele momento trabalhando no campo. Como precaução extra, William passou à distância de Nélon, indo direto à mata, a fim de medir madeiras. Este era um comportamento inusitado para um senhor de escravos, que sequer sabia que uma insurreição irromperia à sua volta. Inusitado ou não, isso salvou sua vida; mas desafortunadamente não poupou sua família. Após a execução da esposa e filhos de Jacob Williams, Nélon, “vestido...muito bem, veio até a cozinha e pediu por carne; apanhou um naco contido num pote de sua ama, cortou um pedaço e, de acordo com a escrava cozinheira, que narrou a passagem de Nélon pela cozinha, disse: “Cynthia você não me conhece. Não sei quando você me verá novamente”. Falava por sobre os corpos caídos, sem mostrar qualquer tipo de sentimento, informou a cozinheira.

Um terceiro caso, mostrando ainda mais claramente o rumo para onde soprava o vento, foi um encontro revelador entre uma branca e um grupo de escravos, numa estrada distante do cenário das ações. Uma terceira mulher, Nancy Parsons, testemunhou mais tarde que “ela viu vários negros parados ao longo da estrada... que [Isaac] jazia a alguma distância do campo desocupado; que [ela] ouvira falar de distúrbios no condado, mas não sabia de que tipo; ouviu que os ingleses estavam no condado; ela pediu a [Isaac] se ele não tinha medo; que, se aparecessem [Isaac] não iria juntar-se a eles e ajudá-los a matar os brancos”.

Resta pouca dúvida, em face desses testemunhos, que a sublevação provocada por Nat estava rompendo com o tecido social do regime escravista de Southampton. E no entardecer daquela segunda-feira, tinha-se a impressão de que Nat e seu exército eram imbatíveis. Então, Nat havia cavalgado cerca de cinquenta quilômetros sem encontrar

qualquer oposição. Atrás de si havia ficado uma trilha vermelha de destruição, e cerca de sessenta brancos mortos. Adiante, mais cinco milhas, estava seu objetivo estratégico, a capital do condado, Jerusalém (hoje, Courtland). Aqui, no portão da propriedade de James W. Parker, na estrada para Jerusalém, e talvez para a vitória, ocorreram eventos importantes. Alguns dos soldados de Nat possuíam parentes na fazenda de Parker, assim que desejavam, naturalmente, fazer uma parada e visitá-los. Nat, entretanto, não concordou, dizendo que seu objetivo era alcançar Jerusalém o mais cedo possível. Os homens pressionaram e ele cedeu, cometendo o erro, compreensível, de permitir que a maioria de seus homens adentrasse a fazenda, enquanto ele permanecia no portão, com um pequeno grupo de oito ou nove. Este foi, sem dúvida, o ponto crítico do drama. Os homens embriagados com o sucesso e, também, com a aguardente, caíram na gandaia. Passado algum tempo, Nat partiu em direção a casa, para buscá-los. Enquanto ausentou-se, um grupo de dezoito brancos atacou o pelotão que ficara no portão, dispersando-o. Assim, quando Nat retornou com o restante do grupo, confrontou-se com a primeira oposição organizada. Sua resposta a esse desafio foi típica: ao invés da retirada, optou pelo ataque, ordenando a seus homens assaltar e atirar nos brancos, que mantiveram sua posição e em seguida se retiraram. O exército dos negros perseguiu os brancos por alguns metros, até que então mais efetivos dos brancos, vindos de Jerusalém, engrossaram a tropa desses. O que aconteceu a seguir é assim descrito por Nat: “Vendo-os remunciar suas armas, e mais homens chegando, e muitos de meus bravos homens sendo feridos e outros dispersando-se em pânico, os brancos perseguiram-nos e atiravam inúmeras vezes. Hark teve seu cavalo baleado, e eu consegui outro, que passava a meu lado, para ele; cinco ou seis de meus homens estavam feridos, mas nenhum ficara abandonado no campo; considerando-me derrotado aqui, imediatamente decidi que seguiria por uma estrada privada, e cruzaria o rio Nottoway em Cipreste Bridge, cinco quilômetros abaixo de Jerusalém, e atacaria esse lugar pela retaguarda, pois esperava que eles fossem procurar-me na outra estrada, e eu tinha necessidade de lá chegar, a fim de conseguir armas e munições. Após percorrer uma breve distância nessa estrada particular, acompanhado por cerca de vinte homens, alcancei dois ou três que me disseram que os outros se dispersaram em todas as direções”.

Agora, na medida em que o destino de Jerusalém mostrava-se indefinido, Nat alterava posições, retornando sobre seus passos, a fim de recrutar mais gente. Teve sucesso em reunir cerca de quarenta homens, mas foi rechaçado numa segunda batalha, no alvorecer de terça-feira, na residência do Dr. Simon Blunt. Hark e outros insurgentes foram feridos e capturados na batalha.

Após a batalha de Blunt, o equilíbrio de forças rompeu-se, passando a vantagem para os brancos; e percebendo isto, Nat desesperadamente multiplicou seu empenho, despachando patrulhas com o objetivo de reunir suas forças em dispersão. A melhor evidência do poder e autoridade de Nat é o fato de seus seguidores continuarem a obedecê-lo. As oito ou nove horas da manhã de terça-feira, enquanto os brancos davam sepultura a seus mortos, um negro livre chamado Thomas Hatchcock, acompanhado por quatro jovens, visitou a fazenda de Edwards e informou aos escravos que o general Nat partira na direção de Belfield, a fim de matar todos os brancos, e que retornaria à fazenda Edwards na quarta-feira ou na quinta, em busca dos quatro jovens, e os levaria consigo. Na mesma manhã, cerca do mesmo horário, e ao mesmo tempo, dois escravos de Thomas Ridley – Curtis e Stephen –, rodavam o condado em busca de mulas e fazendo aberto proselitismo em favor de Nat. Os dois foram capturados, e admitiram, após intenso interrogatório e tortura, naturalmente, que Nat havia dito para irem aos alojamentos de Newssoms e Allens, a fim de conseguir que outros negros se juntassem a eles. Indagado porque haviam aceitado um encargo tão perigoso, Curtis respondeu que Nat lhe havia dito que os brancos estavam por demais apavorados para contê-los. Havia outros recrutadores no campo de batalha, notadamente Will Artist e sua esposa. Em torno as três ou quatro horas de terça-feira, Artist e sua esposa visitaram a fazenda de Blunt, e disseram aos escravos que a luta estava longe de terminar. De acordo com testemunhas, Artist disse que abriria seu caminho, matando e ferindo enquanto passasse. E não era apenas conversa fiada. Nat tinha, ainda, pelo menos, um destacamento organizado no campo de batalha. Este destacamento travou uma acirrada batalha contra a milícia branca, na tarde de terça-feira, sofrendo muitas baixas, inclusive Will. Nat, desinformado desse revés, continuou suas manobras por conquistar posições. Escortado por dois leais ajudantes, Jacob e Nat, instalou um posto de comando na floresta. No entardecer da quinta-feira, de acordo com sua

narrativa, enviou Jacob e Nat à procura de Henry, Sam, Néelson e Hark, a fim e instruí-los a se reagruparem, na medida do possível, “no local onde jantamos no domingo anterior – aí deveriam se encontrar comigo. Dessa forma, lá retornei logo que escureceu tendo permanecido até a noite de quarta-feira, quando constatei que os brancos rondavam o local, como se buscassem por alguém, e que nenhum de meus homens veio ao meu encontro. Conclui que Jacob e Nat haviam sido capturados, e compelidos a me trair. Isto fez com que se esvaíssem todas as minhas presentes esperanças, e na noite de quinta-feira, após haver-me abastecido com provisões do senhor Travis, procurei por um buraco, sob uma pilha de moirões no campo, onde me escondi...”

Enquanto isto, a situação tornou-se muito mais complicada. Toda a atividade produtiva em Southampton parou, e grandes espaços na campanha se encontravam abandonados. Muitos brancos largaram suas casas, deixando portas e janelas abertas, em direção a Jerusalém, cuja população de cento e setenta e cinco almas subiu para cerca de seiscentas. Tudo isso foi testemunhado por pessoas que deixaram narrativas. Um branco do local, escrevendo de Jerusalém em vinte e quatro de agosto, disse que “o mais antigo dos moradores do condado jamais havia tido uma experiência tão angustiante como aquela a partir da noite de domingo passado... Cada casa, quarto e esquina neste local [Jerusalém] estão repletos de mulheres e crianças, afastados de suas casas, que tiveram de se esconder nos matos, até chegar a este local...” Passados cinco dias, um grupo de cidadãos se dirigiu, por carta, ao presidente Andrew Jackson⁹⁶, pedindo para que forças federais fossem destacadas para Southampton. “Por toda a estrada palmilhada pelos negros rebeldes”, dizia a carta, “ numa distância compreendendo cerca de quarenta e cinco quilômetros, não existe qualquer alma branca, capaz de dizer quão demoníacos eram seus intentos. No seio de praticamente qualquer família este inimigo ainda se mantém. Nossos lares, aqueles nas proximidades da ocorrência dos danos, bem como outros mais distantes, foram abandonados e nossas famílias se agruparam e reunidas são protegidas em locais públicos do condado...”

⁹⁶ - Sétimo presidente dos EUA (1829-1837).

A situação melhorou um pouco com a chegada de forças federais e estaduais. Três companhias de artilharia de campo vieram de Forte Monroe. Dos vasos de guerra da Marinha atracados em Hampton Roads, vieram destacamentos de marinheiros e guardas-marinhas. Da capital do Estado, em Richmond, e de condados vizinhos, apareceram milícias e material de reforço. Somado, era de cerca de três mil homens o contingente disposto a sufocar o levante escravo. O resultado mais imediato da invasão de forças da lei e da ordem dos brancos foi o massacre de negros, que eram torturados até a morte, mutilados e sujeitos a outras atrocidades. Dentre estes estava a mulher de Nat Turner, que foi açoitada num pelourinho. Alguma coisa do espírito da época aparece numa carta escrita pelo reverendo G. W. Powell, que disse: “existem milhares de soldados buscando em todos os cantos, e muitos negros são assassinados todos os dias; o número exato jamais será averiguado”. Em Cross Keys, um analista, mais tarde disse: “três mulheres, escravas de Nathaniel Francis, também dois negros, escravos de Peter Edwards, foram amarrados a um grande carvalho... e fuzilados por raivosos cidadãos”. Em sua fúria, alguns brancos decapitaram os negros e dependuraram suas cabeças em postes ao longo da estrada, como advertência para futuros Nat Turners.

Como a histeria pública se intensificou, escritores de sermões e editoriais reforçaram suas peças com palavras de advertência e sapiência. O problema era claro para o *Richmond Enquirer*, que escreveu em trinta de agosto que “o exemplo de Nat Turner deve alertar-nos. A nenhum negro deve ser permitido sair pelo país como um pregador.” Alguns cidadãos em Richmond e noutras partes acreditavam que o problema era mais ameaçador. Um branco que visitou Norfolk e Richmond e outras partes do Estado disse haver ouvido brancos “amaldiçoando quacres e batistas, os quais iriam arruinar o Estado”. E que “freqüentemente ouço o desejo de que os desgraçados negros sejam todos exterminados”. Essa vontade era expressa por grande parte da opinião pública. Escrevendo no *Constitutional Whig*, de Richmond, em 3 de setembro de 1831, John Hampden Pleasants, sem rodeios, diz: “Que não tenham dúvida, outra dessas insurreições será o sinal para o extermínio de toda a população negra no reduto do Estado onde ocorra”. As implicações de ordem prática de tudo isso foram graficamente detalhadas por um ex-escravo, que foi citado por Thomas Wentworth Higginson. Ele disse: “Ao tempo do velho profeta, Nat, a gente de

cor temia rezar em voz alta, pois os brancos ameaçavam punir-nos terrivelmente, se o menor ruído fosse ouvido. As patrulhas eram integradas por brancos desclassificados bêbados; e na época de Nat, se ouvissem um dos negros rezando, ou cantando um hino, intrometiam-se, insultavam-nos e até assassinavam, antes que o amo ou ama pudesse interferir. Matavam o que de melhor havia naquele tempo.

Entre a última semana de agosto e a primeira de setembro, os melhores eram caçados como animais nos campos e florestas de Southampton. Pode-se seguir o desdobramento dessa caçada humana nos despachos do comandante militar, general-brigadeiro Richard Eppes, e seus subordinados. Na quarta-feira, vinte e quatro de agosto, o general Eppes disse ao governador Floyd que “o número de insurgentes era, de acordo com fontes de inteligência, reduzido a seis – mesmo que não seja improvável que tentem se reagrupar. Doze foram apanhados: alguns foram detidos, não os sediciosos, mas suspeitos; quinze foram mortos, o restante, com o general Nat Turner (pregador e escravo), e Will Artist, um negro livre, tentavam escapar”.

No dia seguinte, John Hampden, um editor em Richmond, trabalhando para o *Richmond Draggons*, enviou o seguinte telegrama desde Jerusalém:

“Neste local encontram-se treze prisioneiros, um ou mais deles gravemente feridos; o mais importante deles, um homem com vinte e um anos, chamado Marmaduke, pode ser considerado um herói, por seu estoicismo. Ele é acusado de ser um terrível criminoso, assassino da Srta. Vaughan, destacada por sua beleza. O padre-capitão ainda não foi capturado...”

Outros prisioneiros foram feitos na sexta-feira, de acordo com a carta de um “cavalheiro”, servindo numa outra unidade militar, os Voluntários de Norfolk e Portsmouth. Ele disse que sua unidade se reportou ao general Eppes e “recebeu ordens de marchar em direção a Cross Keys [onde eles] haviam conseguido fazer prisioneiros e traziam doze homens e uma mulher que teria tido participação muito ativa, junto com o cabeça, o célebre Néelson, chamado pelos negros de “general Néelson” e o “pagador” Heney, cuja cabeça é esperada a qualquer momento...” No sábado, vinte e sete de agosto, outro jornalista do *Richmond Dragoons* escreveu que “a guerra terminou, e o inimigo foi capturado, com exceção de seu chefe, o notório capitão Nat, e outros dois ou três”. Esta notícia era

confirmada no dia seguinte pelo general Eppes, que disse ao governador: “Os insurgentes estão todos capturados ou mortos, com exceção do Sr. Turner, o líder, para o qual ainda há busca. As tropas serão brevemente desengajadas”.

Este era um comunicado oficial, e talvez seja o único documento oficial na história do regimento escravista em que franca e respeitosamente se refere a um servo como Senhor. Essa não era uma frase isolada. A grandiosidade da iniciativa de Nat levava ao respeito. Em vinte e nove de outubro, o *Nile's Register*, de Baltimore, se referia a Nat como “o ilustre líder dos negros, no massacre na Virgínia...”

Embora o Sr. Turner tenha permanecido fora do alcance, a corte do condado de Southampton iniciou na quarta-feira, trinta e um de agosto, o julgamento dos indiciados como co-conspiradores, que seguiu o rito jurídico da escravidão, mas eram, não obstante, superficiais. Não havia corpo de jurados, e os escravos rebeldes eram julgados por um grupo de juízes de paz, todos proprietários de escravos ou ligados a esses. Os brancos que sobreviveram, especialmente o viúvo Levi Waller, a viúva Mary Barrow e escravos leais, identificavam os acusados. Mas em muitas instâncias, testemunhos de convocados pela acusação foram contraditados pelo testemunho de escravos e de, pelo menos, dois senhores de escravos. Não ficou muito claro como os julgadores resolveram o contraditório, pois não havia inquirição, nem os acusados podiam fazer sua autodefesa.

Os julgamentos prosseguiram ininterruptamente do fim de agosto até fins de outubro. Às doze horas do dia dois de setembro, Thomas Trezevant, o agente do correio de Jerusalém registrou numa carta ao jornal *Constitutional Whig*, de Richmond, que “estamos progredindo, mas lentamente, devido ao grande número de testemunhas que devem ser trazidas de diversas partes do condado. Até onde chegamos, o testemunho tem sido forte e conclusivo no que tange aos conspiradores. Ainda nenhum testemunho consistente induz à crença de que a conspiração tenha sido, no seu todo, apenas uma. Darei mais detalhes sobre as circunstâncias à medida que ocorrerem, até amanhã, na hora do fechamento da mala postal, então concluirei com um pós-escrito...”

À uma hora dessa tarde, Trezevant acrescentou seu primeiro pós-escrito:

“Fomos recém informados de que Billy Artist, homem livre e um dos líderes, recém se suicidou. Não há dúvidas de que morreu; incerto que tenha sido por suas próprias mãos; relatos posteriores confirmam que Artist está morto”.

Às seis horas outra nota:

“Hoje temos sido mais despachados; a corte recém decidiu por voltar a se reunir na segunda-feira. Condenou quatorze de um total de quinze.

No dia seguinte, pouco antes de enviar a carta, Trezevant acrescentou um pós-escrito derradeiro:

“P.S. – Noite de sábado, três horas. Nada mais ocorreu hoje. *Começamos o enforcamento amanhã*”. [Itálicos apostos por Trezevant]

Os primeiros rebeldes executados na forca foram Daniel Porter e Moses Barrow. Na sexta-feira, nove de setembro, cinco escravos, inclusive Hark, Sam e Nélon, foram enforcados. Na segunda-feira, vinte e seis de setembro, Lucy, a única mulher condenada, deixou a cadeia e se deslocou, em seu ataúde, até a árvore onde a penduraram.

Vinte e nove pessoas, inclusive quatro meninos, foram condenadas e executadas na forca ou transportadas. Quase todos os observadores contemporâneos disseram que os insurgentes abatidos nos campos morreram sem arrependimento. Uma testemunha branca, registrada pelo historiador Herbert Aptheker, disse que “alguns deles, que foram feridos, na agonia da morte declaravam-se felizes porque iriam encontrar Deus, que tinha algo a ver com o que eles haviam feito...”

O governador Floyd disse: “todos morreram com bravura, não demonstrando relutância em dar suas vidas pela causa”.

Enquanto os insurgentes marchavam desafiadoramente para a forca, ondas de pânico se espalhavam pelo Sul. De Baltimore, onde as casas de negros livres foram revistadas; de Dover County, em Delaware, onde diversos negros foram presos e executados; de Frankfort, em Kentucky, onde circulavam rumores de que escravos haviam capturado toda a costa Sul; de Charleston e Nova Orleães, e Macon, na Geórgia, vinham narrativas de insurreições ou ameaças de levantes.

Uma história vinda de Wilmington, na Carolina do Norte, era incrível. De acordo com o telegrama que chegou a Raleigh, às dez horas da noite de segunda-feira, doze de

setembro, Wilmington havia sido saqueada; a metade dos habitantes havia sido assassinada, e um exército de dois mil negros desfilava na capital do Estado. Esta notícia era falsa. Todavia, outro telegrama que chegou à mesma noite, aparentemente era legítimo. O segundo telegrama, dizia que, de acordo com as notícias, “os negros dos condados de Duplin, Balden, Sampson e outros se encontravam em estado de insubordinação, assassinando as pessoas e queimando tudo que encontravam à sua frente, próximo à linha de Sampson e Johnson”.

Tudo isso, se pode imaginar, causou grande consternação em Raleigh, que se transformou numa base de guerra. Um relato dava conta que “os homens mais hábeis eram organizados em quatro companhias, a fim de, por turnos, patrulhar as ruas durante a noite. Os mais velhos organizaram a companhia Cabelos Brancos. O forte era a igreja presbiteriana. Ficou acordado que quando o sino do Capitólio ecoasse as mulheres e as crianças deveriam acorrer lá buscando proteção. Eles perscrutaram e esperaram com ânsia e medo. As notícias de Wilmington aumentaram seu horror”.

O resultado imediato de tudo isto foi um tanto de pura farsa. Dizia uma narrativa: “Uma noite, a oficina do ferreiro O'Rourke pegou fogo; o sino do Capitólio repicou disparando seu alarma, que foi ouvido de um a outro canto da cidade. A cidade adormecida transformou-se em seguida num pandemônio; o dia derradeiro e inevitável havia chegado; Nat Turner e seus seguidores estavam em seu encalço, eis que o sinal combinado tinha essa finalidade. Os negros ficaram mais aterrorizados do que seus amos, que fugiam para seus lares, escondendo-se nas moitas, deitando-se nas alamedas dos milharais – em qualquer lugar, enfim, para escapar da destruição. As mulheres, despenteadas e com roupas de dormir, corriam pelas ruas em grande velocidade, buscando um lugar de refúgio. Era uma questão de vida ou de morte para eles, e o sentimento fora sempre de grande alívio quando a causa real para o alarme se tornava conhecida”.

Raleigh não foi a única. Houve cenas semelhantes em diversas cidades pelo Sul. Seria dito mais tarde que fora uma resposta exagerada para um perigo inexistente. Mas fora mais do que isto. Houve, sem dúvida, exagero, mas houve também perigo real, um perigo que se tornou concreto e ameaçador na possibilidade de grande número de levantes ou tentativas, no eclodir da revolta de Nat Turner. Mais do que isto, mais profundo ainda, foi o

conhecimento trazido pela revolta de Turner, o conhecimento de que havia um Nat Turner em potencial em cada fazenda.

A suspeita de que um Nat Turner poderia estar em cada família e em todas as fazendas – era o que alimentava o fogo. E à medida que as chamas moviam-se de uma para outra comunidade, funcionários estaduais e federais agiam em todo o país, em busca do homem que pusera fogo. Prêmios que montavam mil e cem dólares eram oferecidos por informações que levassem à sua captura. O governador Floyd passou a receber quantidade de informações falsas, de que Nat havia sido capturado em Ohio, Baltimore ou nas Índias Ocidentais.

Nat não se encontrava em Ohio, não se havia afogado tentando atravessar New River, como dizia um relato. Ele estava, ainda, numa caverna em Southampton, distante uns poucos quilômetros do local de sua primeira incursão. Por seis longas semanas, enquanto ocorria a maior caçada humana da história da Virgínia, ele se mantivera num buraco, apenas saindo à noite em busca de alimento e água, bem como para ouvir, pelas janelas, fragmentos de informações. Era um viver perigoso. Mais tarde ele diria que “tinha medo de falar com qualquer ser humano”, e quase fora capturado uma centena de vezes. Mas, mesmo na adversidade, mantivera um sentido de esperança e disciplina. Para acompanhar o tempo, construiu um calendário rudimentar, fazendo um corte numa vara, cada dia.

Ele diria: “Não sei por quanto tempo teria ficado assim, não fosse um incidente que me traiu. Um cachorro da vizinhança, numa noite em que estava ausente, passando pelo buraco onde me escondia, foi atraído pelo cheiro de algum pedaço de carne que mantinha em minha caverna e arrastou-se até roubá-la. Ele ia saindo no momento em que eu retornava. Um pouco de tempo depois, dois negros que haviam saído para caçar, junto com o mesmo cachorro, passaram pelo mesmo caminho. O cachorro buscou de novo o buraco, e tendo recém saído para dar uma volta, descobriu-me e latiu. Sentindo-me descoberto, me dirigi aos negros pedindo que guardassem segredo... Quando viram que era eu, fugiram. Sabendo que iria ser traído, imediatamente abandonei meu esconderijo, e passei a ser incessantemente perseguido”.

Muita coisa haveria de ser escrito adiante, para celebrar o fato de Nat haver sido expulso de seu esconderijo por escravos fiéis ao sistema escravista. Mas isto não surpreendeu Nat, tampouco deve nos surpreender. Todo o regime de opressão cria cúmplices e opositores, e as circunstâncias que envolvem a captura de Nat indicam a existência de opositores, bem como cúmplices nas vizinhanças. O fenômeno verdadeiramente surpreendente em todo esse caso, como observou Henry Irving Tragle⁹⁷, é que Nat foi capaz de evitar sua captura por seis longas semanas, arrastando-se numa vizinhança próxima repleta de guardas e captores. Não se conhecem evidências de como ele conseguiu isso, mas é razoável inferir, como Tragle o fez, que alguns negros sabiam ou suspeitavam de que ele se encontrava na vizinhança. Sendo assim, não o traíram, tendo permanecido assim até o domingo, dia trinta de outubro, quando acidentalmente foi descoberto e capturado por um pobre agricultor branco num buraco sob um pinheiro caído, próximo da residência de seu último proprietário. Foi com grande dificuldade que conseguiram levá-lo com vida para Jerusalém. Contam que, ao longo do caminho, as pessoas cravaram pinos e cuspiam em Nat.

Acorrentado e acossado por guardas e atormentadores, Nat chegou a Jerusalém – teria se lembrado do verso bíblico que diz que Jesus seria levado a uma cidade chamada Jerusalém onde seria maltratado e crucificado? – à uma hora e quinze minutos da tarde da segunda-feira, trinta e um de outubro. Dois juízes de paz, imediatamente, o questionaram à frente de uma grande concentração de autoridades e espectadores. O chefe dos correios, Thomas Trezevant, se encontrava presente e registrou que “durante toda a audiência, ele demonstrou muita inteligência e bastante astúcia intelectual, respondendo cada pergunta, clara e distintamente, sem embaraço ou prevaricação”. Trezevant disse, Nat reconheceu haver agido errado, mas Trezevant pode haver mal-entendido suas palavras, pois outra testemunha disse que Nat se mostrava impenitente e ainda “fingindo que era um profeta”, como consta de um relato. Nat disse aos juízes que o examinavam que acreditara, por um longo período, ser um mensageiro de Deus, e que sua ação havia sido sancionada por Ele. Perguntaram-lhe nesse dia e noutros:

⁹⁷ - Em “*The Southampton Slave Revolt of 1831*”.

“ Você não julga agora que errou?”

Ele teria respondido sempre:

“Cristo não foi crucificado?”

Do dia de sua inquirição até o da execução Nat foi molestado de diversas formas por seus captores e caçadores de notoriedade. Alguns brancos queriam simplesmente olhá-lo. Outros queriam chegar perto o bastante para poder ferí-lo. Todos, funcionários, caçadores de notoriedade e parentes das vítimas, desejavam saber o que o tornara tão seguro de si.

Ninguém levou essa obsessão tão longe quanto Thomas R. Gray, que era, de longe, era o mais interessante dos parasitas de Southampton. Gray era advogado e senhor de escravos. Segundo Tragle, teria entre sessenta e setenta anos de idade, e era casado com uma jovem, com idade ente os trinta e os quarenta.

Gray foi atraído pelas contraditórias motivações de Nat. Como bom escravista do Sul, se encontrava, por certo, terrorizado pela façanha de Nat. Mas uma façanha é uma façanha, e Gray, homem que vivia das palavras, e frustrado escritor, foi rápido em reconhecer que a façanha de Nat criara tanto interesse público que uma pessoa esperta poderia obter dinheiro disso. Grey, em outras palavras, era algo como um operador, e assim que viu em Nat – de acordo com todas as evidências disponíveis – um padrão de mercado que transcendia os limites escravistas.

Há razões para acreditar que Gray já havia planejado um livro a respeito da insurreição. Quarenta e quatro dias antes da captura de Nat, um cavalheiro não identificado de Southampton, familiarizado com as cenas que descrevia, escreveu uma nota para o *Constitutional Whig*, de Richmond, no qual antecipava um pouco da linguagem e detalhes de *Confissões*. A evidência sugere, como garantiu Tragle (Henry Irving), que o cavalheiro de Southampton era Thomas R. Gray, que se acercou de Nat imediatamente após sua captura, prometendo a publicação de uma “autêntica confissão” para “satisfação da curiosidade pública”.

Isso foi, para dizer o mínimo, muito irregular. Gray defendera alguns dos rebeldes, tivera acesso a documentos oficiais e ao resultado de outros interrogatórios – *mas não era o*

advogado de Nat Turner. Se os procedimentos legais houvessem sido mantidos, a corte talvez tivesse proclamado que a intervenção de Gray comprometera a defesa de Nat.

Mas nem Nat Turner ou Thomas R. Gray estavam ligados naquele momento a aspectos legais. Eram ambos realistas. Ambos sabiam que nada poderia alterar o que se aproximava, e ambos – por razões diferentes – desejavam ter a maior audiência possível. O resultado foi um pacto entre esses dois sulistas atípicos – um pacto que garantiria que as palavras e ações de Nat jamais morreriam.

Por três dias, da terça-feira, primeiro de novembro, até a quinta-feira, três desse mês, Nat sentou-se, numa maneira de dizer, posando para a imortalidade. Nos primeiros dois dias, Nat falou em Gray ouviu. Enquanto Nat falava, Gray fazia anotações, e “tendo a vantagem de seu depoimento para mim, por escrito, na noite do terceiro dia em que estive com ele, iniciei uma inquirição, concluindo que seu testemunho era corroborado por todas as circunstâncias que chegaram ao meu conhecimento, ou pelas confissões de outros que ou foram mortos ou executados, os quais não viu nem tomou qualquer conhecimento, desde o dia vinte e dois de agosto passado...”

O documento que emergiu dessas sessões não contém, pode-se ter certeza, tudo o que Nat disse, sequer as coisas mais importantes. Parece, também, que o esperto Nat, que dominava as palavras, usou Gray na mesma medida que esse o usou. Ele, fora de dúvida, desejava esculpir a imagem histórica da revolta, e é razoável que se conclua que disse a Gray a verdade, mas que não lhe informou toda a verdade que conhecia.

É surpreendente nesse contexto que Nat não comprometeu qualquer dos insurgentes que não foram assassinados ou julgados e sentenciados. Nunca falou dos negros livres sediciosos, tampouco mencionou escravos que lhe deram apoio ao longo da jornada. Como consequência, nenhum escravo foi julgado tendo por base “sua total e completa confissão”.

Isso não mostra, de forma alguma, que *Confissões* seja questionável; simplesmente significa que deve ser visto segundo a forma como Nat o ditou: de modo elíptico e, sim, conspiratório. Por causa de *Confissões* talvez nós saibamos muita coisa a respeito de como funcionava a cabeça de Nat e de talhes da conspiração. Mas há muito que não sabemos, e que talvez nunca venhamos a saber. Por exemplo, a questão dos

nomes. Muito de evidência estabelece que o general Nat e muitos membros de seu exército adotaram novos nomes. Nat, por exemplo, diziam haver se denominado general Cargill. Hark Travis, como se viu, era chamado de general Moore. O que era verdadeiro para os líderes também era para as tropas de choque. Para citar apenas um caso, Levi Waller, o amo de um escravo chamado Davy, testemunhou que “na segunda-feira, dia 22 de agosto de 1831, um bando de negros apareceu em sua casa, matou toda sua família, mas que Davy, o prisioneiro, não estava na casa; chegou quando os negros estavam lá... bem vestido... bebeu com eles... e cavalgou o cavalo de seu amo cheio de si... foi chamado de irmão *Clements* por um do grupo; partiu esbanjando alegria”.

O que isso tudo significava? Quando Davy se tornou “irmão Clements?” Mais importante, quando os demais membros do grupo souberam que ele era o “irmão Clements?” Teriam participado de encontros secretos? Teriam montado uma estrutura secreta de códigos, nomes e palavras codificadas?

“*Confissões de Nat Turner*” é silente nesse ponto e ambíguo no que tange à preparação que precedeu a revolta. Nat diz-nos em *Confissões* que ele agiu quase no impulso do momento e que deu conhecimento a uns poucos escravos. Mas há evidência, como vimos, de que mais escravos foram abordados na semana que antecedeu à revolta. Uma escrava testemunhou nas sessões de julgamento que ouvira sobre a revolta, pelo menos nos últimos dezoito meses. Seu testemunho nesse ponto era vago. Mas era muito específico num outro ponto, ao dizer que “no dia quinze de agosto passado [uma semana antes da revolta] na casa de um negro em Solomon Parkers ela ouviu os prisioneiros [três escravos chamados Jim, Isaac e Preston] dizer que se a gente de cor chegasse eles se juntariam e ajudariam a matar os brancos, isto após haverem falado certa feita que ela chegou e não ouviu o início da conversa; havia vários escravos presentes e um deles informou que seu amo o havia marcado e que ele faria o mesmo antes do fim de ano. Testemunhas ouviram três outros escravos fazerem a mesma afirmativa algum tempo antes na vizinhança... Eles disseram que se tratava de um segredo e que se ela contasse a um branco seria assassinada...”

Estaria essa testemunha dizendo a verdade?

Havia mais na insurreição do que Nat havia revelado?

Não se sabe. Tampouco se sabe o propósito final do ataque. Muitos analistas aceitam que Nat disse tudo o que sabia em *Confissões*. Mas existem evidências internas e externas a mostrar que Nat estava, em parte, a jogar o velho jogo de escravos contra os seus senhores (um fingido sim senhor, amo). O testemunho de um branco não identificado, que participou do primeiro interrogatório oficial de Nat é relevante neste contexto. Vagamente aborrecido pelas respostas ambíguas de Nat, ele passou a pressioná-lo especificamente quanto ao plano. Nat respondeu, como respondera em *Confissões*, com uma torrente de palavras sobre o espírito e o Espírito Santo. O branco pediu-lhe para ser mais claro. Como ele partiu de vagos comandos oriundos do Espírito Santo à ação em concreto? E precisamente, qual era o plano? Nat soltou outra torrente de palavras, fazendo com que o branco desistisse, dizendo: “Como surgiu a idéia ou em que momento se conectou com seus símbolos etc. eu não pude fazer com que explicasse de maneira completamente satisfatória – não obstante, o examinei bem de perto nesse ponto: *ele sempre pareceu estar mistificando*.”

Essa é uma passagem importante, subestimada por muitos historiadores. E é por certo relevante que alguns dos insurgentes capturados, e uns de seus captores, afirmaram haver mais no movimento do que o admitido por Nat. O objetivo estratégico mencionado mais amiúde nos registros tratava de Dismal Swamp. Um branco, escrevendo daquele local em vinte e quatro de agosto, dizia claramente que “a intenção dos negros era alcançar Dismal Swamp”. Se podemos dar crédito à narrativa dúbia que Samuel Warner escreveu antes da captura de Nat, Dismal Swamp foi também mencionada na “confissão de um dos condenados”. De acordo com Warner, o insurgente inominado disse ter havido uma diferença de opiniões entre “os três principais líderes quando do início” da insurreição. Um dos subordinados de Nat sugeriu que eles “deveriam manter-se em segredo na escuridão de Dismal Swamp, até que aparecesse uma oportunidade para que escapassem para Estados sem escravidão ou algum país estrangeiro”. Mas Nat “era pelo total extermínio dos brancos, sem considerar idade ou sexo, e que agindo assim em breve teriam condições (copiando o exemplo lavrado por seus irmãos em Santo Domingo) de estabelecer um governo próprio, e que ele havia recebido a promessa de ajuda de seus irmãos escravizados na Carolina do Norte, em Maryland etc.”

Houve outras variantes sobre o mesmo tema. Um correspondente de Southampton, transcrito pelo *Norfolk American Beacon*, em vinte e nove de agosto, dizia que “escravos de Broadnax firmaram seu objetivo a ser alcançado nos Estados livres, onde esperam fazer proselitismo e retornar para dar assistência a seus irmãos”. Talvez a narrativa mais intrigante veio da parte de John Hampden Pleasants, ao informar de Southampton que “alguns deles diziam que o objetivo era alcançar Norfolk, seqüestrar um navio e ir para a África”.

Seja qual for a verdade, é difícil acreditar que Nat foi capaz de persuadir outros escravos a se rebelarem sem revelar um plano de tal magnitude. Mas os detalhes do plano, se existiram, não foram abordados em *Confissões* ou no julgamento.

O julgamento teve lugar no sábado, cinco de novembro, na corte de Southampton, em Jerusalém. Dez juízes de paz ocuparam seus assentos na corte, e guardas adicionais cercavam o prédio do tribunal “a fim de repelir qualquer tentativa para libertar Nat da custódia do xerife”. O breve, pouco elucidativo sumário da corte não faz menção à reação dos presentes, mas podemos ter certeza que o recinto ressoou surpreso e excitado quando Nat Turner adentrou “sob a custódia do carcereiro e postado à barra”. A primeira determinação foi no sentido de que fosse nomeado um “advogado para a defesa do prisioneiro”. Foi designado William C. Parker, advogado que defendera outros insurgentes e cuja atuação prévia não podia dar qualquer esperança para o réu. Numa irônica nota de rodapé, há o registro de que a corte determinou honorários de dez dólares pela defesa de Nat, e que essa importância deveria vir da propriedade de seu antigo amo, que fora uma das primeiras vítimas da insurreição.

O julgamento se iniciou com o preenchimento de “uma notícia” contra Nat, por Merriweather B. Broadnax, conselheiro na Comunidade da Virgínia. O acusado, disse, é indiciado pelo crime de “conspirar para rebelião e promover a insurreição”. Jeremiah Cobb, juiz presidente, aceitou a notícia e formalmente dirigiu-se ao acusado:

Como se considera o acusado?

Nat Turner se disse “inocente”, “informando a seu defensor que ele não se sentia assim”.

A primeira testemunha de acusação foi Levi Waller, uma figura trágica que perdeu todos os membros de sua família, e que pode ter encontrado algum consolo desempenhando o papel principal, pois de fato foi a única testemunha contra o líder da rebelião. Essa testemunha disse, de acordo com as notas do sumário da corte, “que na manhã de vinte e dois de agosto último, entre nove e dez horas da manhã, soube que os negros se haviam rebelado e estavam a caminho, matando os brancos. A testemunha determinou que seu filho Thos fosse até a escola, que ficava quase dois quilômetros de sua casa etc. a fim de dar notícia do que ocorria e para que as crianças voltassem para casa. O senhor Crocker/ o mestre-escola/ veio com a criança testemunha/ a testemunha disse-lhe para ir em casa a fim de carregar as armas, mas antes das armas serem municadas o senhor Cocker foi até o alambique, onde a testemunha se encontrava e disse que eles estavam à vista. A testemunha retrocedeu e se escondeu num canto da cerca entre as folhagens / atrás do jardim / do lado oposto à casa. Vários negros o perseguiram, mas escapou por cair em meio às folhagens. Um negro cavalgou em sua direção, buscando-o entre as folhagens, mas não conseguiu divisá-lo. Teve a impressão, então, que o grupo interessou-se por outra pessoa, deixando-o em paz. Viu a seguir que eles buscavam seu ferreiro – A testemunha fugiu para o pântano, que não ficava muito distante. Após haver aí ficado por algum tempo, a testemunha voltou para casa – antes da fuga, viu vários membros de sua família sendo assassinados pelos negros. A testemunha arrastou-se até próxima da casa para ver o que estava acontecendo, e escondeu-se no pomar, atrás da casa – os negros bebiam – A testemunha viu o réu, que ele conhecia muito bem, montado (ele pensou no cavalo do doutor Musgrave) assinalando que o prisioneiro parecia comandar o encontro – fez Sam, negro de Peter Edwards, que parecia disposto a ficar, ao invés de seguir com eles – o prisioneiro deu ordem ao grupo para seguir em frente, e quando deixaram essa casa – A testemunha afirma que ele não pode estar enganado quanto à identificação do prisioneiro...”

A testemunha seguinte foi Samuel Trezevant, juiz de paz na localidade. Estritamente falando, ele não era uma testemunha. Foi levado à corte para certificar a confissão de Nat, o que fez rápida e eficientemente, dizendo que ele e James W. Parker “eram os juízes ante os quais o prisioneiro depôs, antes de ser trazido a julgamento – que o

prisioneiro então se encontrava em confinamento, mas que nenhuma ameaça ou promessas ocorreram influenciando em seu depoimento. Que ele admitiu ser um dos insurgentes envolvidos na recente rebelião, sendo o líder dentre eles – que ele desferiu o primeiro golpe em seus amos, senhor Travis e sua esposa, antes que fossem liquidados – que ele matou a senhorita Peggy Whitehead – que ele se encontra entre os insurgentes desde o primeiro momento até que fossem dispersos, na manhã de terça-feira, após iniciada a rebelião – que ele fez uma longa narrativa dos motivos que o levaram finalmente a começar o sangrento movimento – que ele fingiu haver sido chamado, por presságios de Deus, determinando que ele devesse dar início ao desesperado ataque...”

Este era o cerne da acusação. Sem maiores discussões ou argumentos, Broadnax encerrou sua denúncia. O foco de atenção desviou-se então para William C. Parker. Este sabia – todos sabiam – tratava-se de uma charada sem sentido. Vinte mil anjos jurando sobre a Bíblia sagrada não teriam salvado Nat, e Parker sequer tentou. Ele não reinvencionou a testemunha da acusação; não apresentou qualquer testemunha de defesa – submeteu o caso à corte sem qualquer argumento.

Tudo, pode-se ter certeza, era observado com interesse pelo outro amigo legal de Nat, Thomas R. Gray, que se mantivera ocupado. Acabara de organizar *As Confissões de Nat Turner* “ como eles as fez, por completo, voluntariamente, para” Thomas R. Gray, que já tinha um contrato firmado com uma editora de Baltimore. Tudo que ele necessitava para receber um troféu editorial, e uma data de lançamento para novembro, era o veredito da corte. Não teria que esperar muito. Para surpresa de ninguém, a corte decidiu quase imediatamente que Nat era culpado de todas as acusações contra si. A sentença foi prolatada por Jeremiah Cobb.

“A decisão desta Corte”, proferiu, “é que você seja levado daqui para a prisão de onde veio, e daí para o local de execução, e, na próxima sexta-feira, entre as dez da manhã e às duas horas da tarde, seja pendurado pelo pescoço até que morra! morra! morra! e que o Senhor tenha misericórdia de sua alma”.

Assim aconteceu. Na sexta-feira, 11 de novembro de 1831, Nat foi levado da cadeia de Southampton para um campo nas proximidades da corte. Fora do mundo do qual estava por deixar, Nat caminhou de cabeça erguida para a árvore escolhida como a da

execução. “Nenhum membro tremia”, disse uma testemunha. Outra disse: “Ele não demonstrava qualquer emoção, mas aparentava estar completamente despreocupado ante o terrível evento que o aguardava, tendo, mesmo, apressado o carrasco a cumprir com seu dever. Exatamente às doze horas ele foi mandado para a eternidade”. Quando Nat foi dado como efetivamente morto, seu corpo foi esquartejado, e lembranças, inclusive bolsas, foram feitas com sua pele. Isto, entretanto, não era o fim do caso. Antes de assomar ao patíbulo, Nat fez uma derradeira profecia, dizendo que ocorreria uma tempestade após sua execução, e que o sol não iria brilhar. E, realmente, ocorreu uma tempestade em Southampton, naquele dia. Mas Nat proferiu uma parábola – e parábolas não devem ser interpretadas literalmente. A tempestade que ele vislumbrou ocorreu na geração das crises que foram o resultado derradeiro de sua iniciativa. E essas crises desembocaram – Nat teria vislumbrado isso? – nos rios de sangue que encobriram o sol da América, durante a grande guerra que pôs fim à escravidão.
